

O Recreador Mineiro.

PERIÓDICO LITTERARIO.

TOMO 2.º

15 DE AGOSTO DE 1845.

N.º 16.

MINAS GERAES.

VIAGEM DE Sr. HILAIRE EM 1817.



ARRAJAL DO RIO VERMELHO.

O Arrajal de N. S. da Penha do Rio Vermelho, situado distante do Tejuco (1) 14 leguas e 18 em grão, é a principal povoação de huma freguezia de 12 leguas comprehendendo 3:000 individuos. O Rio-Vermelho não tem mais de 40 a 50 annos de antiguidade; e parece que seus habitantes foram attrahidos a este local não pela intenção de procurar ouro, mas pela fertilidade do terreno, e pela vizinhança do Tejuco, onde os viveres são vendidos por preços mais elevados que em outra qual-quer parte.

Como o arraial de que se trata de- nominou-se Rio-Vermelho, julgar-se-ia que é banhado pelo rio do mes- mo nome; mas este acha-se a legua

e meia de distancia; e o pequeno rio do Barreira é o que corre junto do arraial.

O Rio Vermelho foi edificado numa pequena planicie cercada de montanhas por todos os lados. Tem maior comprimento do que largura, e compõe-se de humas 50 casas muy pequenas, que pela maior parte estão construidas de novo; todas porem são terras, e apenas duas ou tres caiadas. Huma parte destas casas forma huma rua, que se prolonga do nascente ao poente; as outras casas achão-se situadas em diferentes grupos, acompanhadas todas de hum pequeno bosque de bananeiras, cujas folhas se extendem pelos telhados, que são cobertos de telha. A igreja está situada num alto, na extremidade do arraial; não é caiada; suas paredes de barro destazem-se por todos os lados; e o seu interior

(1) Hoje cidade Diamantina.

é sem ornatos. O arraial é cercado de relva; e entre ella cresce com abundancia huma especie de composita, de folhas estreitas, e flores côr de púrpura desmaiada, que se denomina — herba do vigario —. Matas virgens densissimas cobrem morros mui escarpados, que para o lado do norte circumdão a pequena planicie onde está situado o arraial; e pelo contrario para o lado do sul a montanha eleva-se em ladeira mui suave, formando hum perfeito amphitheatro; e acima da sua base se apresenta relva, arvores dispersas, e pequenos bosques d'arbustos, indícios de huma antiga cultura. O quadro que acaba de traçar offerece a idéa de hum original do mais agradável aspector.

Segundo o que deixo descripto, fica bem visivel que ha huma consideravel differença entre o Rio-Vermelho e os arraiaes vizinhos de Villa-Rica; mas estes foram fundados por mineiros ricos; e o Rio-Vermelho deve a sua fundação a cultivadores provavelmente pobres. Estes differentes arraiaes em fim terão sem duvida a mesma sorte; hum dia virá em que elles serão igualmente abandonados, se porventura os mineiros não se decidirem a renunciar o seu defeituoso systema de agricultura.

O ar, que se respira no Rio-Vermelho, é mui salutar; e os octogenarios, os centenarios mesmo não são raros neste paiz. Pouco tempo antes da minha chegada ao arraial havia fallecido marido e mulher, hum de 128 annos; e outro de 132. Havia alguns mezes que huma mulher tinha succumbido por hum accidente, deixando na idade de 132

annos huma filha de 90, que ainda trabalhava, e cortava lenha nos matos. Os exemplos de longevidade encontram-se mui frequentes no interior da provincia de Minas, e attestão a salubridade deste bello paiz.

A enfermidade mais commum no Rio-Vermelho é a *hydropisia*. Atribue-se este estado ao uso que os habitantes fazem da couve como seu principal alimento; porém é mais provavel que hum tal estado seja devido, tanto no Rio-Vermelho, como em qualquer outra parte, ao pernicioso abuso da aguardente extra-hida do assúcar.

A agricultura forma a occupação de todos os habitantes deste lugar; mas elles tem as suas roças distantes do Arraial; e ao redor d'elle não se vê terreno algum semeado. O tabaco, a canna d'assucar, o milho, e o feijão são as plantas, que principalmente se cultivam nas immedições do Rio-Vermelho. Os pés de café fructificão consideravelmente; entre tanto os habitantes pouco se occupam com este genero de cultura; porque não se vendendo o seu producto mais do que a 17200 rs. a arroba, este preço apenas indemnisa o cultivador dos seus trabalhos. Planta-se tambem poucos algodoeiros, por isso que neste terreno mui pouco produzem. Comtudo, a terra é tao fertilil, que se tem visto hum so grão de trigo dar 60 espigas. Servem-se de varas como nos arredores de Sabará, para trilhar o trigo; mas perdendo-se muito grão por hum tal methodo. fiz-lhes conhecer o uso do machoal. Julguei tambem que devia indicar aos proprietarios deste paiz, que se queixavam da ferrugem do trigo, o methodo de preparar

esta semente com cal.

A respeito da cultura do tabaco direi concisamente em que ella consiste neste paiz. Depois de se haver cortado, e queimado as capoeiras, estruma-se a terra; e ao depois semea-se o tabaco. Quando a planta vem nascendo, defende-se do ardor do sol cobrindo-a com folhas de palmeira; mas quando ella ganha pouco mais ou menos a altura de quatro dedos, tira-se-lhe a cobertura.

Alguns colonos não estrumão o terreno para onde se trasplanta os novos pés de tabaco; mas elles produzem melhor quando se usa do estreme. O tabaco replanta-se em fileiras, deixando-se entre ellas espaço sufficiente para que hum homem possa facilmente passar; e na mesma fileira deixa-se tres palmos de distancia de planta a planta. Mondase a terra todas as vezes que precisa ser mondada; e cada dia, até

ao momento da colheita, cortão-se os gomos, que nascem nos angulos reentrantes das folhas, assim de que estas adquirão maior vigor. Em todas as estações pode-se semear o tabaco; o que nasce durante as chuvas produz folhos maiores; porem o do tempo secco, que é necessario regá-lo, tem mais força, e aroma. Para se obter o estreme, deixa-se na cavalharia os cavallos necessarios, fornecendo-lhes as manjedouras de herva fresca. Assegurão-me que nas immedições da Bahia os proprietarios cercão os terrenos, que não-de plantar de tabaco no anno seguinte; e todas as noites introduzem no cercado os animaes para estrumar a terra. Do que fica exposto se vê, que a cultura do tabaco exige maior trabalho que a do milho, ou feijão, e é por isso que ha muitos proprietarios, que não querem dedicar-se a este genero de cultura.

DESPENDICIO DE CAPITAL, E TRABALHO.

Das duas mais horribes fomes, que se achão registradas na historia do mundo, accorrerão no Egypto, paiz onde ha maior producção com menos trabalho do que em qualquer outra região do nosso globo. O principal trabalhador no Egypto é o rio Nilo; cujas inundações periodicas fertilisam os campos sequiosos, e produzem em poucas semanas aquella abundancia, que os trabalhos do cultivador não poderiam produzir em hum anno. Porem o Nilo é trabalhador, que não pode ser governado, nem dirigido por capital, que é o grande governador, e director de quasi todos os trabalhos humanos. Os effeitos do calor, da luz, e do ar são quasi iguaes, nos mesmos lugares. Onde a chuva é mais moderada os cultivadores tem menos trabalho em tornar a terra productiva; e

nos climas não moderados mais trabalho é touca a fructifera, e lucrativa. O crescido trabalho neste ultimo caso balança o defeito da natureza. Porem não se pode contar com a mesma certeza sobre a inundação de hum rio, como sobre a terra com a certeza da luz, e do calor do sol. Em duas estações o Nilo recusa transbordar; e como os povos do Egypto não se haviam preparado por meio do trabalho a compensar esta falta, o terreno tambem recusa a producção dos fructos, e os habitantes padecerão fome crua. Mencionemos estas fomes no Egypto para mostrar que a certeza é o estímulo mais animador de toda, e qualquer operação da industria humana. Sabemos que a producção tão invariavelmente succede a boa direcção do trabalho - bem como o dia succede a noite.

te. Acorditamos que a próxima noite será escura, e que a manhã terá nos luz, por que conhecemos as leis geraes deste phenomeno, e porque a nossa experiencia nos mostra que essas leis são constantes, e uniformes.

Sabemos que se cavarmos, se estrumarmos, e se semearmos a terra, haveremos em seu devido tempo de colher os fructos della, variando com effeito a quantidade, e a qualidade segundo o correr da estação, porem tão constante huns annos por outros, que somos autorizados a applicarmos grandes accumulacões, e trabalho consideravel á esperada produccão. É esta certeza, que nos proporciona aquelle grau de dominio sobre os poderes productivos da natureza, sufficiente para compensar nos abundantemente pelo incessante trabalho a que nos entregamos em dirigir aquellas forças, que durante hum longo curso de industria, tem amontado em alguns paizes grandes accumulacões, e habilita a produccão a progredir, e a estender-se prodigiosamente. A longa successão de trabalho, que tem enriquecido as mais florentes nações da Europa, foi applicada a animar as forças productivas da natureza, e a restringir as destructivas. Ninguem poderá duvidar, que no instante em que o trabalho do homem se de dirigir aquellas forças naturaes de produccão, as forças destruidoras immediatamente começam a obrar. Supponhamos, por exemplo, o caso mui familiar de huma choçpana cuja cobertura de capim nunca aduittira a chuva; as portas, e janellas sempre se conservarão no melhor estado; e cujas paredes sustentáram-se inteiras; e essa horta não, contiua mais do que as plantas produzidas pela disseccão de seu dono. Ora, andai o dono dessa casa, e fechai essa choça por hum anno só, deixando a horta á incuria; e qual será o resultado? O capim do tecto apodrecido pela chuva, ou estragado pelos ventos, será levado pelos ventos; as chuvas e os temporaes de fóra, e a falta de circulaçãe do ar por dentro destruirão portas, e janellas; a humidade que entrar por cima damnificará as paredes; o mato afogará as plantas da horta; e o mesmo, sómente á custa de muito trabalho e despeza poderá tornar-se a reparar o prejuizo, e restituir tudo a seu estado primitivo. . .

Appliqu-se este principio em ponto grande. Suspenda-se a energia de hum pais por alguma causa, que impeça a communicacão de seus trabalhos em huma direcção proveitosa. Seja elle invadido por tropas conquistadoras, ou roubado por tyrannos domesticos, ou perturbado por guerras civis, de maneira que o capital não possa trabalhar com segurança: os campos repentinamente se tornarão estercis; as povoações perderão seus habitantes; os camilhões ficarão intransitaveis; e seguir-se-hão outros males sem numero. No estado social, o grau do nosso dominio sobre as forças da natureza essencialmente depende do grau de justo poder, que temos sobre as nossas proprias forças moraes. Em quanto os homens não estiverem convencidos, que poderão trabalhar (em todos os sentidos) debaixo da protecção de boas leis administrativas, applicadas por magistrados rectos, e inflexiveis, de certo que trabalharão debilmente, e improfficilmente.

Nos velhos estados da Europa, as grandes e rapidas accumulacões sómente tiveram principio depois de se estabelecer os respectivos direitos dos pobres, e dos ricos, e de ficar a industria livre, e a propriedade segura. Onde nascerem circumstancias assas poderosas para destruir, ou ainda mesmo para embarçar a liberdade da industria, ou para ameaçar a segurança da propriedade, não se pode trabalhar com certeza, nem com proveito. Os elementos de prosperidade não poderão em tal caso ser constantes, nem uniformes. Os trabalhos irãe sempre acompanhados de receios de algum furacão de tyrannia, pouco importa qual seja o poder motor, os quaes farão desappaecer as accumulacões. Não apparecendo semelhante furacão, poderá haver abundancia comparativa, como no Egypto, não faltando as periodicas inundações do Nilo; e nesse caso poderia haver hum inundaçãe de tranquillidade, porem sem a presença de huma tranquillidade perfeita. Se a violencia usurpasse a justiça, e a segurança, seguir-se-hia o mesmo effeito damnoso como nos povos do Egypto quando o Nilo deixa de espirar-se. Seguir-se-hia horrivel miseria ainda mesmo quando tornasse a tranquillidade, porque faltaria o meio poderoso, e indispensavel tanto ao campo abastado, como ao homem millionario; qual é, a segurança de pro-

piedade. A continuação de semelhante estado faria regressar o malfadado paiz á condição dos povos dos seculos do barbarismo: as localidades das actuaes cidades, villas, e aldeas tornariao a ser o que ha-vião sido em tempos remotos, isto é, desertos, e brenhas habitadas por animaes ferozes. Os poucos que podessem continuar a pôr a sua industria em pratica, produzirão resultados penhoros e improficuos, sem pericia e sem a conveniento divisão de trabalho, por que lhes faltaria a accumulacão; e talvez sómente no fim de muitos seculos, pela absoluta necessidade de se prover a segurança publica, ó que se poderia crear de novo e com muito eusto, huma comparativa e limitada parte da accumulacão de que antecedentemente se havia gosado.

Desde o momento em que a industria Europeá principiou a trabalhar com segurança, e que o capital, e o trabalho se applicação unidos, senão perfeitamente, ao menos em união, relativo ao grande fim da producção, trabalhou-se progressivamente com menor despesa e desperdiçã: continuou-se a trabalhar com mais proveito á proporção que se ia trabalhando com maior sciencia. O trabalho de todas as nações barbaras, e de individuos sem cultura é sempre hum trabalho tosco, e de ignorancia. Muitos pensão que o bem consiste em trabalhar, e não no resultado do trabalho. A mesma ignorancia se deixa ver no trabalho inutil, bem como na applicação de capitaes sem proveito, ainda mesmo por individuos alias intelligentes. As applicações improficuas tanto de trabalho, como de capital registradas nos annos de todas as nações antigas, e que em muitas se praticarão, mesmo quando ellas julgavão ter adquirido o maior grão de civilisação, forão nutridas pela ignorancia das grandes, e até dos litteratos; em quanto que as causas avançando, ou retardando a producção, avauçavão, ou retardavão seus proprios interesses, e os da sociedade. Principes, Estadistas, Prelados, Philosophos, todos ignoravão o que conduz á permanente felicidade das nações, e o que causava a ruina dellas. Bastava-lhes haver o sufficiente para o consumo, não se dignando observar, e muito menos assistir á direcção da producção.

Sempre tem sido costume da grandeza ignorante desprezar as artes mechanicas. A balda dos Mandarios da China Toi de deixar crescer as unhas do comprimento dos dedos para mostrarem que elles nunca trabalharão. Em França, antes da revolução, nenhum descendente de familia nobre podia negociar sem des-honra; e este principio foi tão geralmente reconhecido como justo naquelle paiz, que hum escriptor Frances do seculo passado reprova aos filhos da nobreza de Inglaterra praticar o contrario, e pergunta com hum ar triumphante — como é possível que hum homem tenha capacidade para servir a sua patria no Parlamento depois de haver ajudado as suas mãos com o vil commercio? — Montesquieu, em muitos sentidos, de vistas liberaes, sustentava que não era da dignidade dos governos abaxiar-se a objectos tão ridiculos, como seja o regulamento de pesos, e medidas.

A sociedade bem poderia dispensar a intervenção dos governos em quanto dis respeito a pesos, e medidas, se elles se houvessem contentado em deixar o commercio livre; porém na verdade o regulamento de pesos, e medidas é humas excepções do grande principio que os governos deverião praticar de se nao intrometter, ou pelo menos mui parca, e cauteladamente, com o commercio Luiz 14.º não desperdiçou mais capital e trabalho uas suas ruinosas guerras, e em cobrir a França de fortalezas, e palacios, como na sua incessante intervenção na liberdade do commercio: o que tornou improficuos tanto os capitaes, como os trabalhos expendidos.

O progresso naturalmente lento, mas seguro da industria, torna se muito mais vagaroso quando os supremos poderes dos estados tentão desviar a industria de seus canaes exclusivos, e proveitosos. Foi por tanto mui sabia a resposta dada por huma commissão de negociantes a Colbert, 1.º ministro de Luiz 14.º, quando elle lhes perguntara que medidas o governo poderia adoptar para promover os interesses do commercio: „Deixai nos estar, senhor, „ e permitti que tranquillamente maneje- „ mos os nossos negocios.

É innegavel que se promove melhor o interesse de todos deixando a cada indi-

viduo livre para tratar de seus próprios interesses, sempre debaixo daquellas uteis restricções sociaes, que vedão o prejuizo de terceiro. Desta manieira é que os interesses da agricultura se ligão essencialmente com os das fabricas, e com os do commercio; que o commercio livre é igualmente essencial aos reaes e permanentes interesses da agricultura, e das fabricas; que a capital e o trabalho são igual, e necessariamente unidos em seus interesses, sejam elles applicados á agricultura, ás fabricas, ou ao commercio; que o produtor, e o consumidor são igualmente unidos nos seus mais essenciaes interesses, a saber, que haja producção bastante, e com o menor custo possível.

Em quanto estes principios não forem geralmente estabelecidos, e reconhecidos por todas as classes, deve sempre haver um grande desperdicio de trabalho, um grande dispendio improficuo de capital, innumeraveis divergencias, quaesções, e inimisades entre pessoas, classes, e nações, que deverião ser unidas.

Em quanto todos não sentirem que seus mutuos direitos são perfeitamente reconhecidos, e que ha-de ser respeitados, existirá huma desconfiança da falta de segurança, que não poderá deixar de atrazar a prosperidade geral.

O unico remedio contra similhantes males é a larga diffusão dos conhecimentos uteis nas artes, nas sciencias e em todos os ramos de industria agricola, fabril, e mechanica.

Luiz 15.^o proclamou ao povo Francêz, que os Ingleses erao seus verdadeiros inimigos. Quando os conhecimentos triumphão não ha verdadeiros inimigos, seja nas nações, nas classes, ou nos individuos.

Os prejuizos de nações, de classes, e de individuos, que acreditão no choque de interesses, são quasi tão absurdos como o motivo. expendio por hum Francêz, do odio que tinha aos Ingleses: v. g. por que elles comem a vitella assada com molho de manteiga; o que fazia boa parcella com a prevencão do Inglesz contra o Francês, por que este comia rans, e calçava sapatos de pão.

Quando o genero humano se desabasar a fallaz creença, que a riqueza de huma nação, de huma classe ou de hum in-

dividuo não se pode crear se não á custa das outras nações, classes, ou individuos, presenciar-se-hão os esforços de todos applicar-se em commum, constantes, e em boa harmonia a produzir, e a gozar; a adquirir prosperidade, e fortuna permanentemente.

Hoje em dia talvez não exista paiz algum civilizado em que a falta desta preciosa união de capital e trabalho seja mais sensivelmente apparente que no Brasil; e por consequencia em nenhum outro ha maior desperdicio destes inestimaveis elementos de prosperidade. Donde nasce pois esta falta? É ella causada pelo governo? Não; os supremos poderes do estado tem sempre desde o estabelecimento da representação politica mostrado na concepção das leis a mais decidida vontade de proteger a industria nacional, e bem longe de intervir no commercio tem abolido diversos vexames praticados no antigo regimen, que muito estorvavão, e opprimião o interno tráfico. A que se deve pois attribuir esse atraso? Muitas são as causas, que não cabe nos limites deste artigo apontar com particularidade; porem a principal é innegavelmente a grande falta de boas estradas de commençação não só entre as diversas provincias, mas até entre os diferentes pontos da cada huma dellas. Os vantajosos effeitos de boas estradas para promover a riqueza, e a prosperidade das nações não tem sido até ao presente bem considerados por nós nem apreciados.

É pela augmentada facilidade de communicação pessoal, e de transporte de generos, e mercadorias; pela brevidade de transito, e pela diminuição de despesas de oarreto, que hum paiz cortado de boas estradas pode progredir com lucros mediocres, e com tudo fazer bons interesses, proporcionando ao cultivador, ao fabricante, e ao negociante os meios de prompta venda de suas respectivas accumulacões. Ora, em huma provincia tão pouco povoada como a de Minas em proporção á sua vasta extensão, a falta desta facilidade torna-se ainda mais sensivel pelas grandes distancias, e maxime por que nos priva da esperacão de termos crescer a população, por que os que se transportão ao Brasil preferem estabelecer-se nas vizinhanças das cidades maritimas, onde achão

meios mais commodos de communicação, e transporte.

Prescindindo da estrada nova principia-da desde a capital da provincia até ao Parahybuna, qual é a estrada em Minas transitavel em certas estações do anno sem lammente perigo do cavalleiro, dos animaes de carga, e da damnificação dos generos, e das fazendas, que de hum modo tão arriscado e ao mesmo tempo caro girão pelo paiz? Quaes são as pontes, que se podem atravessar a cavallo, e mesmo a pé sem perigo de nos precipitarmos em caudalosos rios, e correços, especialmente em tempos chuvosos? E quanto desses rios, e correços, por onde navega hum trafico consideravel, se achao sem pontes, causando grandes demoras, e descommodos aos viajantes, e tropeiros? Todas estas faltas poderosamente concorrem a obstar o progresso da produção, e da accumulção; e por tanto atrazão essencialmente a prosperidade do paiz.

É a estes objectos de primaria importancia, e necessidade que se poderiao, e se deveriao dirigir a uniao de capitães, e trabalhos, não só sem desperdícios, mas com bastante proveito; e é neste sentido

que torno a invocar a attenção seria de todos os habitantes de Minas [veja se o n. 144 do Itacolomy de 6 de Dezembro de 1844] á absoluta precisão que temos de boas estradas, e pontes, para dar-nos o direito de esperarmos hum prospero futuro; pois que a experiencia tem claramente provado serem estes os verdadeiros alluceres do bem commum. Torno pois a aconselhar a formação de associações nas diferentes comarcas, e até nos diferentes municipios da provincia, assim de se promover essa dezaçada, e utilissima uniao de capitães, e trabalhos, que em quasi todas as outras partes do mundo civilizado está produzindo progressos admiraveis, e que tem sido, e continuará a ser seguido dos mais brilhantes, e favoreveis resultados para os povos, que tem adoptado este systema de uniao e força pelos consecutivos augmentos de industria de produção, de accumulção, de commercio, e até de população, acompanhados daquelle proporcionado grão de opulencia, e felicidade material, que nunca deixa de ser o mais certo premio da perseverante, e bem dirigida industria.

Scrutator.

F O L H E T I M .

A PUNIÇÃO.

A cem passos de distancia da pequena villa de Vendome, jaz, sobre as margens do Loire, humna casa antiga e de negrida, corouada de altos tectos, a sós, sem asquerosos cortumes, sem ruins es talagens por visinhos.

Em frente dessa habitação ha hum jardim que olha para o rio, mas o buxo que outr'ora desenhava as aleas, cresce alli hoje a seu abitre; os salgueiros que alimenta o Loire elevarão-se rapidamente; as plantas parasitas enfeitão com a sua bella vegetação o talud da riba, e as recortadas arvores fructiferas de ha muito que não são tallajas.

Comtudo, facil é conhecer, do alto da montanha onde jazem as ruinas do vetusto castello dos duques de Vendome, que essa habitação fizera em tempos mui remotos as delicias de algum gentil homem de velhos perganinhos, admirador de rosas, de dahlias e de jasmims, e, por ventura, de boas fructas tambem. E, na verdade, ve-se ainda os restos de hum caramanchel, e humna mesa que a mão do tempo não destruiu inteiramente

O aspecto desse jardim, que já não existe, vos revela as delicias da vida campestre, como o epitaphio da seu tumulo nos revela a existencia do abasta-

do commerciante; e, para completar as tristes e suaves idéas que d'alma se apoderão, ha em hum dos angulos do muro hum relógio de sol, com a seguinte comesinha inscripção:

FUGIT HORA BREVIS,

Os tectos da morada ameação ruina; as gelosias nunca se abrem; as andorinhas cobrirão de ninhos todos os balcões; as portas sempre estão fechadas; as hervas rebentãrão pelas fendas dos poiaes; as fechaduras estão comidas de terrugem; o sol, a lua, o inverno, o estio, a neve, carcomerão as traves, empenarão os pavimentos, destruirão as pinturas. O silencio desta triste habitação sómente é perturbado pelos passaros, gatos, ratos e doninhas que ahi vivem em plena liberdade. Humã mão invisivel escreveu por toda a parte a palavra *mysterio*! nessa morada que outrora foia hum feudo, e a que chamão agora *Fortaleza*.

Todo o tempo que durou o meu desterro em Vendome, a vista romantica desta casa singular era hum de meus maiores prazeres. Era mais que humã ruina, que a humã ruina ligão-se recordações historicas, factos conhecidos de cuja authenticidade não é permittido duvidar; mas nesta habitação ainda em pé, e que por si mesmo se demoliã, havia hum segredo, hum pensamento ignoto, ou pelo menos hum capricho.

Muitas vezes ao cahir da noitê, aproximava-me eu da sebe que protegia esta tapada, e afrontando os arranhões entrava nesse jardim sem dono, nessa propriedade que nem era publica nem particular, e passava horas inteiras contemplando a desordem que ahi reinava.

De tudo havia neste asylo: hum ar de claustro, e a paz dos tumulos; sem os mortos que nos fallão a sua linguagem epitaphica. Muitas vezes ahi chorei e nem lura só ahi ri, que tu-

do era melancolico. O sítio é humido, e os lagartos, as cobras e rãs ahi passeão em perfeita liberdade. Aquelle que recear o frio, dê-se pressa em sahir, que hum manto de neve lhe pesará em breve sobre as espaldas, como a mão do commendador no pesocoço de D João... Humã noite, estreneeci. O vento tinha feito voltear humã velha e ferrugenta grimpã, cujos sons agudos se assemelhão a gemidos, no momento em que eu acabava de compôr hum drama sobre a sorte desta lugubre habitação.

Voltei, pois, á pousada, triste e pensativo.

Quando acabei de oear, entrou a es-talajadeira no meu quarto com certo ar de mysterio, e disse-me:

— O Sr Regnault quer fallar vos.

— Quem é o Sr. Regnault?

— Pois não conheceis o Sr. Regnault? Que dizeis?

E fui-se.

E vi logo entrar hum homem alto e magro, pallido, vestido de preto e com o chapeo na mão. A casaca era velha e ruça nos cotovellos, mas o desconhecido trazia ao peito hum alfinete de brilhantes e brincos de ouro nas orelhas.

— Sr., dizer-me aquein tenho a honra de fallar.

Sentou-se em humã cadeira, poz o chapeo sobre humã mesa, e respondeu-me esfregando as mãos;

— Senhor, chamo-me Regnault. Sou o notario de Vendome.

— Muito bem, senhor Regnault, que mais?

— Devagar, senhor, lá chegaremos.. respondeu elle levantando a mão como para impor-me silencio. Soube que tendo o costume passear no jardim da *Fortaleza*.

— Sim, senhor, vou ahi...

— Devagar, devagar, tornou elle repetindo o mesmo gesto.... Constitue isso hum verdadeiro delicto. Mas, não sou eu hum tureo para disso vos fazer hum crime; venho sómente, em

nome e como testamenteiro da finada condessa de Merret, pedir-vos que não continueis vossas visitas. Sois forasteiro, e portanto, ignorais os motivos que tenho para deixar arruinar-se o mais bello palacio de Vendome. Se dependesse de mim, deixar-vos ia entrar e sair livremente dessa casa, mas, como testamenteiro da condessa, sou obrigado a fazer cumprir suas vontades e a pedir-vos que não torneis a entrar neste jardim. Eu mesmo, depois que abri o testamento, não puz mais pé na *Fortaleza*. Ah! senhor, esse testamento fez muita bulha nesta boa villa de Vendome.

E aqui o bom do homem calou-se para alimpar o pingo que lhe cahia do nariz.

Eu respeitava a sua lequacidade, porque comprehendia que a herança de madame de Merret era o successo mais importante da sua vida; e pois que me cumprira dizer adens a meus bellos sonhos, a meus romances, queria ouvir a verdade por canal official.

— Senhor, disse-lhe eu, será indiscreto perguntar-vos as razões que?

— Senhor replicou elle, apos huma pequena pausa, tres mezes depois de ser despachado pelo ministro da justiça — ainda eu era solteiro — forão chamar-me, no momento em que ia deitar-me, da parte de madame de Merret. A sua criada, guapa rapariga que hoje serve nesta estalagem, estava á minha porta com a carruagem da senhora condessa. Comprei dizer-vos, senhor, que o onde de Merret tinha morrido em Paris dous mezes antes, por se enregar a egossos de toda a casta e que, no dia da sua partida, sahio a condessa da *Fortaleza*, depois de mandar queimar todos os moveis.

A minha curiosidade, senhor, tocou a meta quando eu soube que a condessa necessitava do meu ministerio; mas não era eu o unico que tomava interesse nesta historia, e nessa mesma noi-

te, posto fosse tarde, soube toda a villa que ia o notario a palacio. A's onze horas cheguei á *Fortaleza*. Dando credito aos boatos que corrião, esperava eu encontrar huma dama formosa e presumida... porem qual! custou-me muito lubriga-la no enorme leito em que estava deitada. A' força de olhar e de approximar-me ao leito, vi, finalmente, madame de Merret. Seus olhos negros, abatidos pela febre, apenas se movião sob suas profundas arcadas; a testa estava humida, as mãos descarnadas, e as veas e os nervulos desenhayão-se perfeitamente em todo o braço. Os seus labios estavam pallidos, e quando me fallava, mal os movia.

Ainda que estivesse habituado a espectaculos como este, confesso que o pranto das familias, as agonias e tudo quanto tenho visto, nada éráo ao pé desta mulher só e silenciosa, neste vasto castello. Não ouvia o menor rumor, não via mesmo o movimento que a respiração da doente devia dar á roupa que a cobria, e fiquei immovel contemplando-a, sem saber o que diria ou o que faria... Por fim, moverão-se-lhe os olhos, quiz levantar a mão direita, e da sua boca sahirao as seguintes palavras, como hum sopro:

— Esperava-vos com muita impaciencia...

— Senhora... disse-lhe eu

— Confio-vos o meu testamento!... responde ella. Ah! meo Deus!...

Pegou em hum orucifixo, levou-o aos labios e morreo.

Quando abri o testamento vi que a condessa me tinha nomeado seu testamenteiro. Deixou a totalidade de seus bens ao hospital de Vendome, e fez as seguintes disposições á cerca da *Fortaleza*. Recomendou-me que deixasse essa casa por espaço de cincoenta annos no estado em que se achava no momento da sua morte, e prohibio a entrada nos quartos aquem quer que fosse.

Expirando esse termo, pertence-me a casa anim ou a meus herdeiros, se tiver sido cumprida a vontade da testadora, alias reverterá aos seus herdeiros naturais. Eis, senhor, as razões que me moverão a vir pedir-vos que cesseis as vossas visitas.

Levantou-se o notario, fez-me hum profunda reverencia e foi-se.

Mal tinha sabido, enfrou a estalajadeira.

— Então, senhor, disse-me ella, Regnault contou-vos sem duvida a historia da Fortaleza?

— Contou, patrão.

— E que vos disse?

Referi-lhe em poucas palavras a tenebrosa historia da condessa.

— Minha boa patroa, disse eu ao acabar, parece-me que sabeis mais do que eu....

— Ah! eu vos juro..

— Não jureis, que os vossos olhos vos estão trahindo....

Conheceste o conde?

— Se conheci!... tinha seis pés de altura, não era possível ve-lo de hum vez; era fidalgo antigo, oriundo da Picardia.... E a condessa,.. Oh! era bella como hum anjo, e tinha quarenta mil francos de renda!..

— Erão felizes?

— Creio que sim. O conde era assomado, porem era fidalgo. e como tal tinha direito de o ser..

— Vamos à historia

— Da historia nada sei; porem, como vos tenho por homem lido, subi para consultar-vos á cerca de hum assumpto, que nem ao vigario quiz confiar. Quando o imperador mandou para aqui alguns prisioneiros de guerra, tocou-me alojar por conta do governo hum joven hespanhol. Era hum grande d' Hespanha!.. Não me recordo do seu nome; só me lembra que acabava em *os-e-em-dia*. Era muy formoso para Hespanhol, que, como sabeis, são quasi todos feios... Era lhe muito affeccionado, se bem que elle nem duas pa-

lavras proferisse por dia: ha o seu breviario como padre, ia á missa todos os dias, e ficava sempre ao lado da condessa de Merret, mas não havia nissas intençaõs má, pois que nunca ninguem o vio levantar os olhos do livro.

A' noite, ia passear nas ruínas do castello. Era o seu maior divertimento, por que essa montanha lhe recordava o seu paiz. Dizem que ha tantas montanhas na Hespanha! Algumas vezes trocava-lhe-se mui tarde. inquietava-me vendo-o voltar á meia noite, mas habituámo-nos á sua phantasia, e como elle tinha a chave da porta, hum dia de manhã o achamos no quarto. A' força de procurar, encontrei na gaveta de sua mesa hum bolsa que continha cinco mil francos em ouro, e hum caixinha com brilliantes, que valerão dez mil. Na bolsa havia hum bilhetinho, que dizia: „ No caso de eu não voltar, pertence o que eu possuo á minha patrão „ O Hespanhol não appareceu mais; alguns julgámo-lo que morreu alogado; eu, porem, tenho para mim que ficou na Fortaleza, pois que Rosalia me disse ta-lo visto lá algumas vezes. Dizei-me agora senhor, não é verdade que o dinheiro do Hespanhol me pertence de direito, e que não devo ter remorsos de o haver guardado?

— Não ha duvida.... porem, dizei-me, nunca questionastes Rosalina?... perguntei eu.

— Oh! muitas vezes. Mas essa rapariga não diz palavra. Sabe por certo alguma cousa, mas não ha faze-la fallar.

A patroa retirou-se, deixando-me entregue a mil pensamentos vagos e tenebrosos, a hum curiosidade romantica, a hum terror religioso semelhante ao sentimento profundo que de nós se a podera quando entramos de noite em hum na igreja sombria.

Rosalina era, a meus olhos, o ente mais interessante de Vendoune. Quando, ao cessar a causa do meu destem-

ra, me trouxe ella mesma a carta que me restituia a liberdade, encarei-a com olhos tão interrogadores, que a rapariga corou e empallideceo successivamente.

— Rosalia? ... disse-lhe eu.

— Senhor? ...

— Não sois casada?

Corou até os olhos, e estremeceo.

— Oh! não me faltarão homens quando me der na cabeça fazer-me desgraçada, respondeu ella.

— A vossa formosura, vos dará por certo mais de hum amante, ... Porém, dizeime por que razão viestes para esta pousada, sahindo da casa da condessa?

— Porque é a melhor casa em que eu podia estar.

— Referi-me, eu vos supplico, tudo que sabeis a cerca da condessa.

— Oh! respondeo-me ella toda tremula, não me pergunteis por isso.

— Dou-vos palavra de guardar segredo.

Bem! ja que assim o quereis, mas, lembrai-vos que deveis guardar segredo.

Se quizesse reproduzir fielmente a difusa eloquencia de Rosalia, nem hum volume inteiro me bastaria... e como o successo que ella me referio se acha collocado entre a bacharelheia do notario e a garrulice da patroa, do mesmo modo porque os termos medidos de huma proporção arithmetica se achão entre os seus dous extremos, preciso é que seja formulado singelamente. Desuui-lo-hei pois.

A camara que madame de Merret occupava na Fortaleza era situada ao rez do chão. Na parede havia hum pequeno gabinete, de quatro pés de profundidade, que servia de guarda-roupa. Três mezes antes da noite em que occorreo o facto que vou narrar, adoeceo madame de Merret, e seu marido, a fim de não incommoda-la, mudou a sua cama para o primeiro andar.

Por hum desses casos impossiveis de prever, voltou elle, essa noite duas horas mais cedo que de costume, do salão onde ia ler os jornaes e fallar em politica com os burgueses de Vendôme. A invasão da França tinha sido objecto de mui animada discussão; a partida de billiar fôra muito disputada e o conde perdeu quarenta francos, somma enorme para Vendôme, onde todo o mundo enchesoura.

Ainda que, de lá muito, o conde se contentasse de perguntar a Rosalia, ao entrar se a condessa estava deitada, e que, ao ouvir a resposta sempre affirmativa, subisse immediatamente para o seu quarto, com essa bonomia criada pelo habito e pela confiança, deo-lhe na cabeça entrar essa noite na camara da condessa para contar-lhe o seu infor-tunio, e talvez tambem para que ella o consolasse.

Em vez de chamar Rosalia, que, neste momento, conversava na cozinha com a cozinheira e o cocheiro, dirigio-se o conde para a camara de sua mulher.

Na occasião de dar volta á chave do quarto, pareceo-lhe ouvir fechar a porta do gabinete: quando entrou, madame de Merret estava em pé, perto do fogão...

Então disse elle com os seus botões que Rosalia estava no gabinete, mas huma suspeita que lhe tunio ao ouvido fe-lo desconfiar, e fitando os olhos na condessa, notou nas suas feições tal ou qual inquietação.

— Vistes tarde? disse-lhe ella com voz hum pouco tremula.

O conde não lhe deo resposta, que nesse momento entrava Rosalia. A sua appareição foi como hum raio que o assombrou. Sem dizer palavra, poz-se a passear com os braços cruzados.

— Tivestes alguma noticia triste? ... Estais incommodado? perguntou-lhe a condessa.

O conde não respondeo.

Retirai-vos disse a condessa á criada.

Adeusando sem duvida alguma tormenta, quiz ficar só com seu marido.

Mal Rosalia sahio, aproximou-se o conde a sua mulher e disse-lhe com indiferença, porém, com os labios tremulos e o rosto pallido:

— Senhora, há alguem no rosso gabinete...

A condessa olhou para o marido com ar tranquillo, e respondeu-lhe com simplicidade:

— Não, senhor!

Este não cortou-lhe o coração, por que não lhe dava credito e nunca sua mulher lhe parecerá mais pura e mais religiosa.

Levantou-se para abrir o gabinete, mas madame de Merret pegou-lhe na mão, deteve-o, e, contemplando-o com ar tocante e melancolico, disse-lhe com voz sumida:

— Se ali ninguém encontrardes tambem-vos que nos separaremos para sempre!

A incrível dignidade da condessa fez vacillar o conde, e inspirou-lhe huma dessas resoluções que passaria por sublime se em mais vasto theatro fosse praticada.

— Sim, Josepha, tendes razão, não abrirei o gabinete. Em qualquer dos casos nossa separação seria infallivel.

Escuta, conheço a pureza do teu coração, e sei que a tua vida é a de huma santa.

Não queresias, por certo, commetter hum peccado mortal que te custaria a vida... Eis o teu crucifixo. Jura-me, perante Deos, que ninguém está no teu gabinete. eu te darei credito e nunca abrirei essa porta.

Madame de Merret pegou no crucifixo e disse:

— Assim o juro.

— Mais alto, tornou o marido, e repeti: Juro, perante Deos, que não ha ninguém nesse gabinete.

A condessa repetiu a phrase sem se perturbar.

— Muito bem! respondeu com indiferença o conde e depois, após hum momento de silencio:

— Tendes ahí hum bello traste que eu ainda não tinha visto.

E examinou curiosamente esse crucifixo, que era de ebanho, guarnecido de prata e de primoroso lavor.

— Comprei o a Duvivier que o houve de hum religioso hespanhol.

— Ah! disse o conde.

E, pondo o crucifixo sobre a pedra da chaminé, tocou a campainha. Rosalia entrou logo. O conde foi ao seu encontro, e, levando a para a janella, disse-lhe em voz baixa:

— Sei que Gorenflot quer desposarte, e que o unico obstaculo à vossa união é a vossa mutua pobreza. Tu lhe disseste que não casarias com elle em quanto o não visses mestre pedreiro: Pois bem! vai chama-lo; diz-lhe que venha aqui com a sua ferramenta. A sua fortuna excederá vossos desejos; sahe sem proferir huma palavra, senão.

E franziu as sobrancelhas. Rosalia sahio.

— João!... bradou o conde com voz estridente.

João, que era ao mesmo tempo cocheiro e criado confidante, não se fez esperar.

— Ide deitar-vos todos, disse-lhe o conde.

E, depois, fazendo-lhe hum gesto, aproximou-se João, e o amo acrescentou em voz baixa:

— Quando todos estiverem dormindo dormindo, entendes-me? desce e vem dizer mo.

O conde que não perdera de vista sua mulher, veio sentar-se junto della. Foi então, sem duvida, que lhe contou os successos da partida de bilhar e as discussões do club, pois que voltando Rosalia, deu com elles conversando muito amigavelmente.

O conde tinha mandado estucar, poucos dias antes, todos os quartos que ha-

cavaõ ao rez do ohiõ; or, como o gesso é muy raro em Vendome, mandou elle ir de Pariz grande quantidade. Essa casa tinha ainda huma barriça cheia, e essa circumstancia lhe inspirou o desig-nio que poz em execucao:

— Já chegou o sr. Gorenflot, disse Rosalia.

— Mandaio entrar Madama de Merret empalliddece quando viu o pedreiro.

— Gorenflot . . disse o conde, ide buscar alguns tijollos á cocheira para murar a porta desse gabinete. No quarto immediato aohareis huma barriça de gesso e com elle emboçareis o muro . .

E chegando-se a Rosalia e ao pedrei-

— Escuta, Gorenflot, . . disse-lhe elle em voz baixa, tu dormirás aqui esta noite. Amanhã dar-te-hei hum passaporte para paiz estrangeiro, e te entregarei seis mil francos para as despesas da jornada. Passará por Pariz, onde irás esperar-me, e ahi te assignarei huma obrigacão para pagares mais seis mil francos daqui a dez annos, se antes desse periodo não voltares á França. Por este preço deverás guardar o mais profunda silencio sobre tudo o que aqui fizeres esta noite.

— Quanto a ti, Rosalia, dar-te-hei dez mil francos que somente te serão pagos no dia do teu casamento; mas sempre te guardar silencio . . Se não odeas dote.

Rosalia, disse a condeessa, visco pen-sar-me . .

O conde puz-se de huma extremidade á outra da camara, vigiando a porta, o pedreiro e sua mulher, sem com tudo dar signal de menor desconfiança.

Gorenflot foi obrigado a fazer alguma bulha. Entã madama de Merret, aproveitando o momento em que o pedreiro desoarrégava alguns tijollos, e e que seu marido se aohava do outro lado da camara, disse a Rosalia:

— Com esoudos de renda, minha a-

miga, se poderes dizo-lhe que deixe huma abertura em baixo.

— E depois disse-lhe em voz alta com horrivel sangue frio:

— Ide ajuda-lo!

O conde e a condeessa, conservára-se silenciosos em quanto Gorenflot murava a porta. Este silencio era calculado no marido, que não queria dar á condeessa o menor pretexto de proferir palavras equivoças, e da parte de madama de Merret era talvez prudencia ou altivez.

Quando o muro estava em metade da sua altura, o astuto pedreiro aproveitando o momento em que o conde tinha as costas voltadas, quebrou hum dos vidros da porta. Esta acção fez conhecer a madama de Merret que Rosalia tinha fallado a Gorenflot; entã ella e o pedreiro virão, não sem profunda emoção, humo figura de homem moreno, de cabellos negros, olhos de fogo . .

Antes de seu marido se voltar, pôde a condeessa fazer-lhe hum gesto, e esse gesto dizia: — Esperai . .

As quatro horas da manhã estava concluida a obra. O pedreiro foi entregue á guarda de João, e o conde deitou-se na camara de sua mulher.

Quando se levantou, disse:

Ah! esquecia-me que tinha de ir á casa do *maire* buscar o passaporte.

Pegou no chapéo e enoamithou-se para a porta, porem, voltando atraz, tomou o arpoixo . .

Vendo isto, pulou a condeessa de contenta.

— Irá a casa de Dúvisier! disse ella.

Mal sahio o conde, chamou a condeessa pela oriada e com voz terrivel:

— A alavanca! . . a alavanca!

bradou ella, e mãos á obra! . . Teremos tempo de abrir hum buraco e de tapa-lo.

Em hum abrir e fechar d'olho, trouxe Rosalia huma especie de alavanca, e a condeessa começou a trabalhar com o maior ardor.

Tinha feito ja cahir alguns tijollos, quando, voltando-se, vio o conde junto della, pallido e em attitudo ameaçadora.

Madame de Merrete desmaiou ..

— Deitai a condessa no leito disse conde

Previendo o que deveria acontecer durante a sua ausencia, tinha armado hum laço a sua mulher. Tinha escrito ao *maître* e mandado chamar o sr. Duvivier

O ourives chegou no momento em que deitavão a condessa na cama.

— Duvivier, perguntou-lhe o conde, comprastes algum crucifixo a hum religioso hespanhol?

— Não, Sr. conde.

— E' quanto dezejo saber fico vos obrigado.

— João, acrescentou elle voltando-se para o criado; a Sr.^{ca} condessa está doente, e não sahirei do seu lado em quanto a não vir restabelecida

O cruel fidalgo ficou por espaço de quinze dias, ao lado de sua mulher: durante os seis primeiros dias, quando havia algum rumor no gabinete, e que ella queria implorar a sua clemencia em favor do desconhecido, respondia-lhe elle sem lhe deixar proferir huma palavra:

— Vós jurastes que ninguem existia naquelle gabinete!...

O Gascão e o chapeo furado.

Hum Gascão, Soldado de Cavallaria, passando n'uma revista diante de Luiz XIV, fez fazer ao seu cavallo hum movimento tao violento, que lhe cahio o chapéo no chão. Apresentandô-lh'o hum dos seus camaradas na ponta da espada, exclamou o Gascão. — Antes quereria que tu me tivesses furado o corpo do que o chapeo — O Rei, tendo ouvido isto, perguntou-lhe qual era a razão porque assim fallava? Senhor, respondeo elle, é porque tenho cre-

dito em huma botica, mas não gozo do mesmo favor na loja de hum chapeleiro.

O ladrão de boa fé.

Hum ladrão, accusado de haver furtado hum cavallo, e vendo-se a ponto de ser condemnado, pretendia desculpar-se dizendo ao Juiz: Senhor, eu não commetti semelhante furto, e se não veja V. S. o que me aconteece: eu ia por huma rua, vi hum cavallo atravessado, quiz passar por diante delle, gritarão-me: olhe que morde; procurei então passar por detraz, disserão-me: tenha cuidado, que elle atira couces; ouvindo estes conselhos, tomei a final a resolução de saltar por cima delle para o outro lado; mas a este tempo, tomando infelizmente o animal o freio nos dentes, fiquei escarranchado no selim, e eis que deitou a fugir comigo em cima, de tal modo que dentro em poucos momentos ja eu me achava fóra das portas da cidade, e quando voltei ao lugar d'onde tinha partido, com a intenção de o entregar a seu dono, ja lá o não achei; e assim V. S. bem vê que fui obrigado a ficar com o cavallo contra minha vontade."

O coxo attencioso.

Hum homem que tinha huma perna na mais curta do que outra, coxeava tanto, e arrastava de tal modo o pé, que se podia pensar que a cada passo que dava, ia fazendo huma cortezia. Certo dia que pas-

sava pela rua principal do jardim das Tuilherias em Paris, em cujos lados estavam sentados em bancos de pedra varias pessoas do seu conhecimento, hum amigo seu que se achava do lado donde elle não coxeava, querendo mette-lo a bulha, lhe disse: *Então que é isso, fulano, tu fazes corteziã para esse lado, e despresas este? Meu amigo, respondeo o outro com muito sangue frio, não te aflijas por isso, espera que eu passe para baixo, e eu te prometto... que tambem hasde ser contemplado.*

INSTITUIÇÃO DO JURY.

A instituição do jury deve-se a Alfredo o Grande Rei d'Inglaterra. No seculo IX foi elle quem dividio o Reino em condados, districtos, e cantões, e quem fundou a universidade d'Oxford, e a sua bibliotheca. Este Rei quiz que a instituição fosse hum bem commum a todos os seus subditos. Castigava com multas os pais que não mandavão seus filhos ás escolas publicas, e proclamava nas suas leis, que sendo a razão e a intelligencia os signaes privilegia-dos da especie humana era degra-da la, e conspirar-se contra o Cre-ador o tirar a sua mais nobre cre-atura o exercicio das faculdades pe-las quaes distinguio o homem dos a.imaes.

COMEDIA UNIVERSAL

O mundo é o theatro; os homens são os comices; os destinos compoem a peça; a fortuna distribue as partes; os theologos dirigem as maquinas; e os philosophos são os espectadores; os

ricos occupão os camarotes; os poderosos o amphitheatro; e os infelizes a platéa; as mulheres andão servindo os refreos; e os poucos favorecidos da fortuna esportão as luzes; as loucuras compõem a orchestra e o tempo corre o panno: a peça tem por titulo *mundus vult de-cepti ergo decipiatur.* A comedia principia logo por lagrimas e suspiros: no primeiro acto representão se os projectos chiuericos dos homens, a que os insensatos dão palmas para mostrarem o seu applausos, e os sabhos, pateada. Logo na entrada, paga-se á porta hum moeda a que chamão pena, e recebe-se em troco hum bilhete marcado, que significa inquietação, para poder tomar lugar. A variedade dos objectos que nella se apresentão diverte por algum tempo os espectadores, mas o desfeizo das intrigas bem ou mal combinadas faz rir os philosophos. Apparecem nella gigantes que de repente se tornão pygmens, e antos que crescem imperceptivelmente e chegão a hum altura extraordinaria. Nella tambem se vêem homens que parecem tomar todas as cautellas e medidas imaginaveis para traçar o verdadeiro caminho que conduz ao fim a que aspirão, em quanto que d'outro lado estavam-dos e os que de nada se lhes dá, chegão ao porto das felicidades mundanas. Tal é finalmente a comedia d'este mundo, e quem quizer divertir-se á sua vontade, não tem mais do que pôr-se em algum pequeno canto, d'onde possa commodamente ver tudo sem ser visto; a fim de poder com segurança escarnecer de tudo como merece,

(*Pensamentos do Conde d'Oxenstiern.*)

CHARADAS.

Medouhas penhas, rochas escarpadas.
Que horror deve inspirar vossa aridez!
Prefiro na tarimba conservar-me,
Do que ligar-me a li humas só vez.

Despreza as azas,
Corre á pressada,
Vai em soccorro
Da pátria amada.

J. J. V.



SONETO.

Susceptível não sou de devoção,
Ignoro as orações, não sei rezar;
Mas se queres comigo deparar,
Deverás procurar-me em oração.

Dô começo do ser á conclusão.
A tudo eu acompanho sem cessar:
Meu curso ninguém pode demorar,
Meu passo nunca soffre detenção.

Sou suave, benigna, delectora;
Nos campos, nos jardins, tenho morada,
Sempre fresca, saguira, e nunca idosa.

Em verso, e prosa eu venho memorada
Quando se faz analyse pomposa
Da vida pastoril, e retirada.

B. P. A. da C.

Dos limites não me aparto, 1
O proprio limite sou. 1

N' Azia, e Africa ajusta
Em certas bocas estou.

S.

ADEVINHAÇÃO.

Em amor sou a primeira,
Sem mim não pôde existir;
Sou a primeira em abrir,
E em casa a derradeira.
Tambem entro em carteira
Tenho hum bocado de grave
Faço huma parte de chave,
Tomo quasi toda a cama,
Desfaço-me toda em lama
Por mais que limpe e lave.



Inigma.

Estou na garganta,
Estou no nariz,
Acabo por — C —
Começo por — X —

Decifrações do n.º antecedente.

Logogripho — Papagaio

Charadas: 1.ª — Pote

2.ª — Dissolutio

3.ª — Cópia

Os Srs. assignantes que ainda
não pagaram as suas assignaturas,
são rogados a mandal-as satisfazer.

O — Recreador Mineiro — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes.
A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º, sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto: e fóra della 7:000 rs. annuaes, e 3:500 rs. por semestre, pagos adiantados, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correo. Cada numero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas: as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subscrever, podem dirigir se por carta sobre semelhante objecto.